

**Leia nesta edição**

**Editorial Tema de capa** (João Trajano de Lima Sento-Sé José Carlos Braga André Moreira Cunha José Saraiva Cruz Marcos Formiga Celso Monteiro Furtado Euclides da Cunha Cláudio Aguiar Joana Luíza Muylaert de Araújo José Mauro Rosso Leonardo Vieira de Almeida Ricardo Oiticica) **Destaques da Semana** (Rudá Ricci Bruno Lima Rocha Destaques On-Line) **IHU em Revista** (Sala Ignacio Ellacuría e companheiros IHU Repórter) **Sobre a Revista** (Apresentação Corpo editorial)

## Euclides da Cunha e Celso Furtado. Demiurgos do Brasil

Este é o tema de capa da edição 317 da IHU On-Line, de 30-11-2009. Contribuem para a discussão João Trajano de Lima Sento-Sé, José Carlos Braga, André Moreira Cunha, José Saraiva Cruz, Marcos Formiga, Joana Luíza Muylaert de Araújo, Mauro Rosso, Cláudio Aguiar, Leonardo Vieira de Almeida e Ricardo Oiticica.



"Antônio Cândido nomeou Gilberto Freyre, Caio Prado e Sérgio Buarque como demiurgos do Brasil, com muita pertinência, Francisco de Oliveira acrescentou Celso Furtado a este pantheon", lembra **José Saraiva Cruz**, na entrevista à **IHU On-Line** desta semana. Por sua vez, esta edição completa este pantheon com Euclides da Cunha.

Assim, nos 50 anos da publicação do livro Formação Econômica do Brasil e nos 100 anos da morte de Euclides da Cunha, especialistas na obra de Celso Furtado e estudiosos de Os Sertões estão presentes nesta edição buscando compreender melhor o nosso País.

- \* **José Carlos Braga: Subdesenvolvimento, um problema estrutural? (2)**
- \* **João Trajano de Lima Sento-Sé: Projeto desenvolvimentista furtadiano, uma experiência teórica? (5)**
- \* **Cláudio Aguiar: Novas perspectivas críticas para uma releitura de Os Sertões (10)**



**Rudá Ricci:** [Com o fim da Era dos Movimentos Sociais, foi-se a energia moral da ousadia](#)



**Coluna do Cepos:** [Primeira Confecom](#)

**IHU** ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

**317** Ano IX 30.11.2009

## Subdesenvolvimento: um problema estrutural?

Na opinião do economista José Carlos Braga, segue válido o questionamento furtadiano de que não basta ter crescimento econômico. É preciso, enfatiza, dar um perfil a esse crescimento para que ele possa conduzir a superação do subdesenvolvimento

Por: Patrícia Fachin

Cinco décadas depois do lançamento de Formação econômica do Brasil, de Celso Furtado, as propostas desenvolvimentistas têm como premissa fundamental uma renovação do Estado brasileiro, avalia o economista **José Carlos Braga**, na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**. Braga não sugere a volta ao Estado do nacionalismo-desenvolvimentista, mas acredita que é necessário “reorganizar o Estado” para enfrentar problemas clássicos como a pobreza e a distribuição de renda. Ele justifica a atualidade do projeto furtadiano: “Ora, na medida em que mesmo com a industrialização e com crescimento, num período correspondente a mais de meio século, ainda continuamos com os traços do subdesenvolvimento, sua proposta de transformação do Brasil segue de pé”.

**José Carlos Braga** é graduado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mestre e doutor em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Hoje, é docente no Instituto de Economia da Unicamp. Entre suas obras, citamos *Temporalidade da riqueza. Teoria da dinâmica e financeirização do Capitalismo* (Campinas: Unicamp, 2000).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - O projeto de desenvolvimento brasileiro proposto por Celso Furtado é atual e ainda pode ser aplicado no Brasil de hoje?**

**José Carlos Braga - O legado principal que ele deixou foi o diagnóstico de que o**

subdesenvolvimento do Brasil como de outros países é um problema estrutural ligado ao processo capitalista mundial no qual ocupamos posição subordinada e vinculada à expansão dos países desenvolvidos. As condições de subdesenvolvimento reproduzem-se não só internamente como no âmbito das relações internacionais. Ele propôs a bem-dizer que transformações estruturais, política econômica adequada, afirmação cultural, e uma construção nacional-soberana do desenvolvimento abririam o caminho para a superação do subdesenvolvimento. Algo, portanto, extremamente complexo, difícil, ligado à democratização e à participação popular nos processos decisórios que montam as trajetórias da economia.

Ora, na medida em que mesmo com a industrialização e com crescimento, num período correspondente a mais de meio século, ainda continuamos com os traços do subdesenvolvimento, sua proposta de transformação do Brasil segue de pé. Evidentemente, cabe aos que vivem o presente e batalham por um futuro diferente pensar e agir a partir da “matriz furtadiana” aplicando-a com a consciência acerca das condições históricas atuais. Em outras palavras, sabendo adaptar aquela perspectiva às novidades que foram surgindo e que continuarão surgindo. Ao invés de congelar, enriquecer aquela matriz coerentemente com seu método histórico-estrutural.

### **IHU On-Line - Que reflexões e questionamentos a obra de Celso Furtado ainda suscita sobre o tema do desenvolvimento e do subdesenvolvimento?**

**José Carlos Braga** - Ainda vivemos no Brasil sob condições graves de concentração de renda e de riqueza que implicam miséria, pobreza, desemprego estrutural. São traços marcantes do subdesenvolvimento e os que mais o preocupavam e angustiavam. Em seu depoimento para o documentário sobre sua vida – O longo amanhecer, do diretor José Mariani - ele fala sobre como é possível que ainda haja no Brasil “um monte de gente pedindo esmola”. E comenta em outro momento do filme - “Quem manda nesse País? Essa taxa de juros...” e fica calado num lamento. Acusa a enorme concentração de poder como causa importante.

Segue válido o questionamento de que não basta ter crescimento econômico, é preciso dar uma certa qualidade, um determinado perfil a esse crescimento para que ele possa conduzir à superação do subdesenvolvimento, para que ela seja um real desenvolvimento.

Permanece a questão de ampliarmos a geração brasileira de progresso técnico que se fez presente apenas em poucos casos como a Embraer-aviões - e Petrobrás-petróleo e outras poucas exceções. Aprofundar o processo de democratização, de participação de amplos setores da sociedade nas decisões cruciais. Enfrentar as desigualdades regionais que persistem. Ter um sistema financeiro voltado às políticas de desenvolvimento, fundar de fato a estabilidade monetária, acompanhando a estabilidade de preços.

### **IHU On-Line – Mas como aplicar as propostas desenvolvimentistas de Celso Furtado, considerando os problemas de emprego, distribuição de renda, pobreza e miséria, que estão agregadas ao modelo capitalista? Que aspectos do modelo furtadiano deveriam ser resgatados com urgência?**

**José Carlos Braga** - Não é força de expressão dizer que vivemos sob um capitalismo selvagem. Parte disso deve-se à corrosão do Estado, das instâncias públicas, das empresas estatais, o que é consequência da crise dos anos 1980 e da implementação das políticas neoliberais, realizadas desde o início dos anos 1990 e só recentemente e, em parte, revertidas no segundo governo do Presidente Lula. No próximo governo, aplicar as propostas desenvolvimentistas tem como premissa fundamental uma renovação do Estado no Brasil. Não é uma volta ao Estado do nacional-desenvolvimentismo; não falo de retorno ao passado o que em si seria uma impossibilidade. Penso em reorganizar o Estado justamente para enfrentar os problemas mencionados na pergunta e, simplesmente, porque o dinamismo do mercado em si não poderá resolvê-los. Reestruturar o Estado para as políticas públicas de corte social e para aquelas da infraestrutura econômica. Tem-se que efetuar um diagnóstico profundo de quais despesas públicas devem ser eliminadas e quais devem ser fortalecidas. Há, ao mesmo tempo, desperdícios e carências nos aparatos públicos federais,

estaduais e municipais. É preciso um diagnóstico realista - sem preconceitos - e ações de novo tipo. Cortes serão efetuados de um lado, e mais gastos serão efetuados de outro. Sem reforma tributária, isso não será implementado. Com ela, haverá uma base socialmente saudável e justa de recursos para efetuar as despesas correntes e os investimentos compreendidos como necessários.

Então, para Furtado, enfrentar as desigualdades, iniquidades e desemprego era sinônimo de Planejamento e atuação estatal pertinente. Precisamos ir atrás dessas condições. E a política fiscal não pode ser a de gerar superávits para pagar juros escorchantes.

### **IHU On-Line - Que contrapontos o senhor faz entre o atual modelo de desenvolvimento econômico brasileiro e o proposto por Celso Furtado?**

**José Carlos Braga** - Aqui se aplica a palavra modelo mesmo. Isto porque, para o paradigma neoliberal que teve início no Brasil com o Governo Collor, trata-se de implantar um conjunto de princípios e regras e deixar que o livre funcionamento dos mercados cumpra as metas que o modelo dita como atingíveis em vários países. Corresponde, como se sabe, ao que foi apelidado de “Consenso de Washington” que hoje é desacreditado pelo seu próprio mentor, o economista John Williamson. A partir do segundo governo Lula, algo começou a mudar através das políticas distributivas de renda - recuperação real do salário mínimo, Bolsa Família, crédito aos de baixa renda, outras formas de transferência de renda via diversos programas sociais.

Mas, o referido consenso é o oposto da visão de Furtado uma vez que se fundamenta no livre jogo de mercado, desvaloriza o planejamento, busca o Estado mínimo, introduz a livre movimentação internacional de capitais quer sejam especulativos ou não, prioriza altas taxas de juros como instrumento central no combate à inflação, deixa a taxa de câmbio flutuar amplamente, chegando a aceitar um Real ficticiamente valorizado frente ao dólar, corta gastos sociais e de infraestrutura para pagar juros, busca a privatização radical, supõe que o desenvolvimento dos mercados em si mesmo resolva o desemprego e a distribuição da renda etc.

### **IHU On-Line - Que lições e subsídios o pensamento crítico de Celso Furtado pode oferecer à conjuntura econômica e política atual?**

**José Carlos Braga** - Em poucas palavras, Planejamento e construção da soberania nacional a partir do Estado num contexto de ampla democratização. Defesa das reservas internacionais - em moedas fortes - que o Brasil acumulou e que atingem hoje algo como US\$ 235 bilhões. Para tanto, a taxa de câmbio tem que ser administrada para uma posição favorável à competitividade de nossa estrutura produtiva para evitar desindustrialização e problemas de déficits no balanço de pagamentos.

A taxa de investimento global da economia vem subindo desde 2004, tendo sido atropelada pela crise que bateu aqui no segundo trimestre de 2008, mas da qual já estamos saindo. É vital criar confiança no empresariado para que cresça o investimento privado e ter condições fiscais e tributárias para acelerar o investimento público. Não perder de vista a estabilidade de preços, mas privilegiar doravante as políticas promotoras do desenvolvimento conforme acima comentado.

A política monetária terá de tornar-se sinônimo de taxas de juros compatíveis com o estímulo ao investimento produtivo. Manter e aperfeiçoar a política do atual governo de articular e expandir o raio de ação dos bancos públicos. Induzir a cooperação destes com o sistema bancário privado que está forte e tem que definitivamente participar do financiamento de longo prazo. Como antes observado, partir para uma estratégica reordenação do Estado na qual a dívida pública seja alongada e financiada a juros civilizados. Manter e acelerar medidas que têm procurado a melhoria da distribuição de renda e se preocupado com o desemprego.

### **IHU On-Line - Que projeto de país o Brasil está construindo? O país carece de um projeto nacional de desenvolvimento?**

**José Carlos Braga** - Nada de nacionalismo como xenofobia, isto é, como aversão ao que é estrangeiro. Precisamos de um Projeto Nacional de Desenvolvimento, conduzido com uma participação do capital estrangeiro que esteja atrelada aos objetivos traçados para a Nação. Ainda

não temos esse Projeto. Ele está por ser construído embora recentemente alguns avanços tenham sido feitos nessa direção conforme assinalamos anteriormente.

Hoje, não há desculpa para omissão na construção ampliada desse projeto porque as condições conjunturais da economia brasileira são por demais favoráveis seja do ângulo da inflação, seja quanto às reservas internacionais, ou sob os termos do sistema financeiro público e privado, seja no que tange às condições das empresas líderes produtivas que se mostram reestruturadas, solventes, com capacidade interna de acumulação. E ademais, contamos com as novidades de horizonte de médio e longo prazo – tais como o Pré-Sal, os biocombustíveis e demais possibilidades da biomassa – que sinalizam muitas potencialidades se os programas de exploração do mesmo forem devidamente conduzidos sob a ótica do desenvolvimento.

Agora, nunca é demais lembrar que a construção desse projeto não é do âmbito da tecnocracia, embora a contribuição dos intelectuais e dos técnicos seja relevante. É do âmbito do processo político com P maiúsculo, é do plano do desenrolar histórico.

**IHU On-Line - No Brasil, existem atualmente herdeiros do projeto furtadiano? Se sim, quem são?**

**José Carlos Braga** - Despida a máscara da globalização liberal, pensamentos como o dele reaparecem naturalmente com muita força, pois sua atualidade fica evidente. Penso que há herdeiros espalhados pelo Brasil inteiro, pela América Latina e em outros centros estrangeiros que lidam com os problemas dos países em desenvolvimento.

No Brasil, tem tido importante papel o Centro Internacional Celso Furtado na divulgação das ideias do mestre, seja através de publicações, seminários, cursos, palestras etc. Várias escolas de economia e ciências sociais ligadas ao pensamento crítico sempre mantiveram viva a reflexão dele tanto nos cursos quanto nas pesquisas. Desde logo, devo dizer que no Instituto de Economia da Unicamp ao qual pertenceo isso sempre ocorreu e segue com renovado vigor diante da trajetória nacional e internacional das últimas décadas. A força de seu pensamento calcado na perspectiva histórico-estrutural seguirá como referência estratégica enquanto subdesenvolvimento houver.

**Leia mais...**

>> **José Carlos Braga** já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**. O material está disponível na página eletrônica do sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)).

Entrevistas:

\* *A política cambial é homicida*. Publicada nas **Notícias do Dia** em 24-08-2009;

\* *O Brasil regido por um "novo" padrão de desenvolvimento capitalista*. Publicada nas **Notícias do Dia** em 29-05-2006;

\* *Precisamos ter um projeto de Nação*. Publicada na **IHU On-Line** número 227, de 09-07-2007.

**IHU**  
ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

**317** Ano IX 30.11.2009

## **Projeto desenvolvimentista furtadiano: uma experiência teórica**

A proposta desenvolvimentista de Celso Furtado, apreciada no Brasil, rendeu apenas honras teóricas. Contudo, na conjuntura atual, o pensamento do economista suscita a

busca de alternativas plausíveis de modernização e superação do subdesenvolvimento, considera o sociólogo João Trajano de Lima Sento-Sé

Por: Patricia Fachin

Celso Furtado é reconhecido como um dos intelectuais mais relevantes do Brasil por propor um projeto de desenvolvimento econômico que levasse em conta também as questões sociais. Contudo, assinala Sento-Sé, “o projeto de Celso Furtado tinha poucos adeptos efetivos no plano político institucional. Ele ocupou cargos nos governos Juscelino e Jango, e nem um nem outro sequer chegou perto da adoção de linhas que fossem ao encontro do projeto de desenvolvimento postulado por Furtado”. As propostas desenvolvimentistas do economista caracterizam o modelo melhor acabado no Brasil, entretanto, o sociólogo afirma que a realidade social de hoje difere muito daquela observada por Furtado. Talvez, explica, não é o caso de falar em retrocesso econômico e social, “mas o avanço, se é que houve, foi muito tímido e seguimos muito mal no acesso ampliado a direitos civis, políticos e sociais, que formam o tripé da cidadania moderna”. E enfatiza: “Diria que seguimos perdendo tempo e, enquanto isso, somos parte de uma sociedade injusta, excludente e precária nos quesitos democracia e modernidade”.

Na entrevista que segue, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, ele revela ter “a impressão de que vivemos uma era de produção de índices que não expressam, qualitativamente, o que se passa, tanto nos grotões quanto nas periferias das grandes metrópoles”. Ele explica: “Temos, hoje, a era dos indicadores, fetichizados pela mídia e celebrados pelos titulares do poder político de ocasião e por agências internacionais”.

**João Trajano de Lima Sento-Sé** é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mestre e doutor em Ciência Política pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Docente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, também é membro do corpo editorial da Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais e da Interseções.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - Celso Furtado ficou conhecido como um clássico da economia. Qual foi, em sua opinião, a novidade da obra furtadiana?**

**João Trajano de Lima Sento-Sé** - Celso Furtado se inscreve num momento singular da história do pensamento econômico e se coloca muito bem nela. Sua contribuição mais óbvia está relacionada à teoria do subdesenvolvimento, produzida no âmbito da Cepal. No contexto da época, os postulados dessa perspectiva iam de encontro tanto às teorias de inspiração marxista quanto aos preceitos mais alinhados à tradição liberal. Em ambos os casos, temos uma narrativa histórica do Brasil marcada pelo signo da incompletude ou da realização desafortunada. Ao articular o subdesenvolvimento às dinâmicas próprias da evolução internacional do capitalismo, a teoria do subdesenvolvimento redefine os marcos teóricos da interpretação econômica e lança novas possibilidades de engajamento político. Mas não creio que seja essa a principal contribuição de Furtado, até porque a grande referência dessa tendência na América Latina deve ser creditada a Raúl Prebisch, com quem ele trabalhou. Acredito que a articulação entre as escolhas políticas feitas por nossas elites e os rumos econômicos de nosso desenvolvimento, a partir da independência, foi, sem dúvida alguma, a grande e acertada intuição sociológica de Furtado com inequívocos desdobramentos para o pensamento econômico. Ela é apresentada de forma quase despretensiosa e sem imputar quaisquer desígnios subterrâneos aos atores envolvidos. Penso que esse é um filão menos explorado e mais estimulante de suas teorias. A meu ver, nele fica evidenciado o vigor do pensamento de Celso Furtado para além do campo específico da economia e, ao mesmo tempo, explicita que os rumos econômicos estão condicionados a escolhas políticas. Do mesmo modo, considero a “teoria do efeito demonstração” outra percepção que poderia ter sido melhor explorada. Trata-se, simultaneamente, de uma crítica aos padrões de consumo das elites, e a proposição de alternativas de investimentos que poderiam levar o Brasil a uma posição menos subalterna na economia

mundial. É igualmente importante a insistência em apontar a reprodução de padrões de dominação internacionais nas relações internas sul-sudeste/norte-nordeste, o qual representou a explicitação de um modelo de desenvolvimento nacional cujo resultado foi o enorme desequilíbrio e a iniquidade regional com implicações que permanecem até hoje.

### **IHU On-Line - Em que medida a obra de Celso Furtado nos ajuda a compreender a formulação e a aplicação da ideologia nacional desenvolvimentista brasileira?**

**João Trajano de Lima Sento-Sé** - No campo teórico, é difícil falar de nacional desenvolvimentismo no singular. Houve, pelo menos, três versões diferentes que, inclusive, enfrentaram-se de forma dura pela hegemonia nesse campo. A obra de Celso Furtado talvez seja o modelo melhor acabado de uma dessas versões do nacional desenvolvimentismo no Brasil. Menciono apenas de forma esquemática seus principais postulados. Em primeiro lugar, parece-me claro que desenvolvimento, para ele, não representava apenas crescimento econômico e industrialização. Era, também, redução das iniquidades regionais e de classe. No campo estritamente econômico, Furtado postulava investimentos orientados para a reversão do caráter subalterno da economia brasileira, o que difere bastante de uma postura estritamente protecionista e isolacionista, o que não me recordo de ter encontrado em qualquer dos seus textos. Politicamente, Furtado defendia um Estado indutor, orientando investimentos para a criação das condições necessárias para o desenvolvimento econômico. Para tanto, contudo, ficava claro que era fundamental, segundo ele, quebrar a estrutura patrimonialista do Estado brasileiro e modernizá-lo, o que representava a introdução do mérito e da competência como critérios de recrutamento de quadros para a administração pública e a formulação de estratégias. Ainda no campo político, Furtado atribuía protagonismo ao poder executivo, sobretudo em função do perfil da representação parlamentar, majoritariamente comprometida com padrões tradicionais de condução da vida política, mas jamais fez desse diagnóstico um argumento que justificasse a abdicação do modelo democrático-representativo. No âmbito social, considerava a ampliação do acesso a bens um valor e uma estratégia a ser cumprida através da incorporação dos segmentos subalternos à cidadania. Pouco disso tudo ajuda a entender a aplicação do nacional desenvolvimentismo no Brasil, que, salvo em alguns breves momentos espasmódicos, jamais foi levado a cabo pelos governos antes e após o golpe de 1964.

### **IHU On-Line - Que relações o senhor estabelece entre a trajetória intelectual e a prática política de Celso Furtado?**

**João Trajano de Lima Sento-Sé** - Celso Furtado era um intelectual público. Esse personagem, bastante raro nos dias atuais no Brasil, era comum na época em que se deu o auge de sua produção intelectual (anos 1950 e 1960). Curiosamente, creio que essa característica contribuiu para a relativa desqualificação que sua produção sofreu posteriormente. A consolidação de centros de pesquisa estritamente acadêmicos no Brasil passou por uma enfática rejeição ao tipo de intelectual que Celso Furtado encarnava. Sua obra, assim como as de outros contemporâneos seus, foi taxada de ideológica, não rigorosa e incompatível aos padrões exigidos pelo saber científico. Todos perdemos com isso. Recordo-me de um seminário de que participei na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, em 2002, a convite de Heloisa Murgel Starling, a propósito dos trinta anos da publicação da *Crítica da Razão Dualista*. Impressionou-me muito ouvir Francisco Oliveira declarar pública e abertamente que dedicara os últimos anos de sua vida intelectual se retratando das injustiças que cometera à obra de Furtado. Achei bonito ver um intelectual de seu porte reconhecer o quanto se equivocara. Seria bom que outros intelectuais do mesmo calibre tivessem a mesma postura, mas foram poucos que tiveram atitude semelhante.

### **IHU On-Line - Furtado propunha a superação do subdesenvolvimento nacional através do fortalecimento do mercado interno, da redução da desigualdade, da distribuição de renda. Considerando esses aspectos, podemos dizer que houve avanços no país ou vivemos um “retrocesso mascarado”?**

**João Trajano de Lima Sento-Sé** - Fortalecimento do mercado interno, redução da desigualdade e

distribuição mais equânime de renda podem ser abordados e defendidos como princípios normativos desejáveis ou como estratégias utilitariamente orientadas para um determinado fim, no caso, o desenvolvimento nacional. Creio que Furtado se orientava por ambas as perspectivas, e isso também é um traço interessante de sua trajetória política e de sua produção intelectual (ambas estão coladas, como mencionei anteriormente). O Brasil de hoje difere muito daquele observado por Celso Furtado no auge de sua produção intelectual. Deixamos definitivamente de ser um país rural, o ensino básico foi (quase) universalizado (embora ainda seja de qualidade muito ruim), algumas doenças infecto-contagiosas foram erradicadas, outras surgiram. Por outro lado, a concentração de renda é brutal, e o franqueamento aos meios de ascensão social é limitadíssimo. Enfim, não creio que possamos falar propriamente em retrocesso, mas o avanço, se é que houve, foi muito tímido, e seguimos muito mal no acesso ampliado a direitos civis, políticos e sociais, que formam o tripé da cidadania moderna. Diria que seguimos perdendo tempo e, enquanto isso, somos parte de uma sociedade injusta, excludente e precária nos quesitos democracia e modernidade.

### **IHU On-Line - Por que não foi possível pôr em prática o plano de desenvolvimento furtadiano? A justificativa pode ir além do argumento de que fomos “envolvidos” pelo modelo neoliberal?**

**João Trajano de Lima Sento-Sé** - Visto retrospectivamente, o projeto de Celso Furtado tinha poucos adeptos efetivos no plano político institucional. Ele ocupou cargos nos governos Juscelino e Jango, e nem um nem outro sequer chegou perto da adoção de linhas que fossem ao encontro do projeto de desenvolvimento postulado por Furtado. É importante ressaltar que esse projeto passava não só por iniciativas no campo econômico, mas, também, por uma mudança radical da estrutura do Estado, tendo em vista sua modernização e qualificação técnica. Não entendo muito bem os argumentos dos que professam o triunfo do modelo neoliberal (sequer entendo direito o que é o neoliberalismo), mas tendo a considerar que o Brasil passou por, pelo menos, dois ciclos de modernização conservadora, política e economicamente falando. É claro que fatores externos devem ser levados em conta para entendermos o porquê de estarmos onde nos encontramos hoje, o que, por sinal, o próprio Furtado ensinava. Mas, também em consonância com suas teses, uma variável das mais relevantes deve ser buscada nas escolhas feitas pelas elites que têm estado à frente dos processos decisórios.

### **IHU On-Line - Qual a contribuição de Furtado para superar o subdesenvolvimento do Brasil? Ainda estamos distante desse sonho? Por quê?**

**João Trajano de Lima Sento-Sé** - De sua atuação prática, acho que os esforços em atrair quadros qualificados para o Estado e a criação de agências de desenvolvimento regional talvez sejam os mais relevantes. Sem o primeiro, a segunda tornou-se um conjunto de usinas de rapinagem. Enfim, os resultados foram pífios, mas acho que não desqualificam as intenções e o empenho em realizá-las. Como resultado, seguimos longe de superar o subdesenvolvimento tal como este foi entendido por Celso Furtado, a despeito de ufanismos que, de tão recorrentes e insípidos, tendem a causar tédio naqueles que têm uma idade um pouco mais avançada.

### **IHU On-Line - Em tempo de globalização, ainda há lugar para o nacionalismo?**

**João Trajano de Lima Sento-Sé** - O nacionalismo continua forte, a despeito das mudanças ocorridas desde os anos de 1950 até hoje. Particularmente, acho graça ao me deparar com a retórica sobre o fim dos nacionalismos e a exaustão dos Estados nacionais sempre que abro os jornais. Como defender tais posições diante dos desdobramentos da recente crise financeira internacional, quando os Estados, através de seus respectivos governos, tiveram que intervir seriamente no mercado? Como explicar as políticas econômicas protecionistas praticadas pelos mesmos países que exportam as teses da globalização e do triunfo do mercado mundial sobre as economias nacionais? É evidente que o mundo mudou muito e, se estivesse vivo hoje, com o vigor intelectual que tinha nos anos 1950 e 1960, Celso Furtado estaria pensando em termos diferentes daqueles em que desenvolveu suas teorias. Ainda assim, é claro que os nacionalismos políticos, econômicos e



culturais permanecem como referências políticas, econômicas e culturais. Não creio que será sempre dessa forma, mas ainda estamos distantes do mundo propalado pelos teóricos da globalização. A propósito, com todo o respeito, considero as teorias da globalização uma grande bobagem. Indo direto ao ponto da pergunta, então, eu diria: ainda há lugar para o nacionalismo hoje e isso não é uma petição de princípio, trata-se, antes, de uma constatação sociológica. Reduzir o nacionalismo aos chauvinismos de extrema direita ou às mais variadas formas de fundamentalismo equivale a fechar os olhos para algumas das principais dinâmicas que movimentam o mundo contemporâneo.

### **IHU On-Line - Que modelo de desenvolvimento é compatível com a realidade econômica, política e social do Brasil atual? Quais os desafios para atingir o desenvolvimento nos moldes propostos por Furtado?**

**João Trajano de Lima Sento-Sé** - O Brasil continua tendo como desafio abandonar de vez a vocação de país do futuro. Para isso, seria fundamental investir em educação em todos os níveis. Não há desenvolvimento em qualquer escala sem desenvolvimento humano. Sem esquecer algumas virtudes das políticas sociais recentes, tenho a impressão de que vivemos uma era de produção de índices que não expressam, qualitativamente, o que se passa, tanto nos grotões quanto nas periferias das grandes metrópoles. Temos, hoje, a era dos indicadores, fetichizados pela mídia e celebrados pelos titulares do poder político de ocasião e por agências internacionais. Por outro lado, seguimos carregando nas costas uma máquina estatal dispendiosa, inoperante e omissa. Pode soar anacrônico, mas acho que o círculo do patrimonialismo ainda nos assombra, com um acréscimo aterrador: não são somente os setores conservadores, vinculados a interesses retrógrados, que operam a máquina pública dessa forma. Vimos essa lógica se perpetuar ao longo dos últimos quinze anos, quando estivemos a mercê da supostamente elite intelectual de nossos quadros políticos e, após, do movimento de bases mais bem sucedido em nossa história na sua transposição para a política partidária. Dizem que o Estado brasileiro é enorme. Trata-se de uma verdade pela metade, pois, a despeito de seu tamanho, ele não chega à grande parte dos municípios e comunidades brasileiras. Regozijamo-nos quando o Brasil ensaia ocupar um lugar de algum relevo nos fóruns internacionais, mas o respeito que demandamos à comunidade internacional é incompatível à negligência com que tratamos nossa cidadania. Nesse contexto, avançamos na implementação de políticas compensatórias. Algumas delas são excelentes e produzem, ao que parece, algum resultado. Devemos notar, porém, que, por definição, políticas compensatórias devem ser desenhadas para a correção de desvios tópicos na implementação de políticas vocacionadas para o acesso generalizado a bens socialmente reconhecidos como direitos universais. Isso quer dizer que políticas compensatórias não podem tomar o lugar das políticas sociais de acesso aos direitos fundamentais, previstos em convenções e cartas constitucionais. Sintetizando, sem querer parecer amargo, não vejo razões para muito otimismo quanto aos rumos que o país tem seguido.

### **IHU On-Line - Comparando com as últimas décadas, qual tem sido o papel do Estado enquanto condutor da política econômica nos países subdesenvolvidos? Hoje, as políticas econômicas estão bem definidas?**

**João Trajano de Lima Sento-Sé** - A despeito da maior abertura à economia mundial em alguns setores, o Estado segue com papel decisivo no Brasil. Acho que é assim também no resto do mundo. O que durante as duas últimas décadas foi chamado de redefinição do papel do Estado é pouca coisa além de desmonte do sistema de bem-estar social, com supressões gradativas de direitos trabalhistas. Quando as estripulias do mercado levam as economias à bancarrota, é o Estado, “em defesa da sociedade e da estabilidade”, que aparece fazendo de forma aberta o que, em períodos de calmaria, também faz mais discretamente: definir os limites entre o que é e o que não é legítimo nas dinâmicas de produção e distribuição de riqueza. A margem de manobra dos Estados em países subdesenvolvidos é menor em função da fragilidade das bases em que estão assentados. Sua capacidade de definir as regras do jogo é mais limitada em comparação aos Estados da Europa ocidental e da América do Norte. Ainda assim, ela existe e é acionada a partir de escolhas das elites que estão no controle da máquina política e das bases que lhes sustentam. Após a derrocada do

chamado socialismo real e do colapso do Estado de bem-estar social, vivemos uma espécie de letargia monetarista, mas, de um jeito ou de outro, esse vácuo de criatividade terá fim.

### **IHU On-Line - Que releituras a obra de Celso Furtado propõe para a atual conjuntura política, econômica e social do Brasil do século XXI?**

**João Trajano de Lima Sento-Sé** - Acho importante retomar a obra de Celso Furtado. Sobretudo aquela que foi produzida até o início dos anos 1970. Tenho a intuição de que essa retomada justifica-se para além do mero interesse de erudição histórica (o que já seria suficiente). O modo como as teorias de Celso Furtado poderão nos ajudar a responder às nossas próprias interpelações atuais, no entanto, é mais uma aposta do que uma tese já acabada. É muito fácil identificá-lo como um intelectual datado, assim como não é difícil proceder a interpretações anacrônicas do cenário atual, fazendo uso de suas teses de modo apressado. Num contexto em que o mundo parecia cindido em dois, vejo, nele e em alguns intelectuais de sua época, a busca de alternativas plausíveis de modernização e de superação do subdesenvolvimento. Retomar a obra de Celso Furtado se justifica ou como fruto do interesse legítimo pela história das ideias ou como referência criativa para se ir adiante do que ele próprio postulou, rompendo com a letargia que mencionei anteriormente. Um ponto, porém, gostaria de destacar: seu empenho em associar o estudo das questões econômicas àqueles relativos a outras áreas de conhecimento, como a história e a sociologia. Esse entendimento fez dele um defensor do recrutamento de sociólogos e profissionais de outros campos de estudos das ciências sociais pela Cepal e expressava um entendimento da economia que parece ter se esmaecido com o passar do tempo. Furtado não estava sozinho nessa perspectiva, mas também aí sua posição foi derrotada com a hiperespecialização que tomou conta das ciências sociais, em geral, e da economia, em particular. Um dia, no entanto, após sucessivas tentativas e erros, essa perda terá que ser revertida.

### **IHU On-Line - Furtado deixou herdeiros na política e na economia brasileira? Quem são eles?**

**João Trajano de Lima Sento-Sé** - Deixou herdeiros importantes que fizeram o possível para estar à altura de seus ensinamentos. Prefiro não citar nomes para não cometer injustiças. Essa geração, contudo, não teve, salvo engano meu, condições de seguir em frente a ponto de também fazer seus próprios herdeiros. Os rumos mundiais do último quarto do século XX não lhes foram muito favoráveis. Talvez ele volte a ser referência, mas essa é uma questão em aberto. Em geral, quando tentam antecipar o futuro, os cientistas sociais erram terrivelmente. Na qualidade de cientista social, portanto, abstenho-me de fazer projeções.



Revista do Instituto Humanitas Unisinos

**317** Ano IX 30.11.2009

## **Novas perspectivas críticas para uma releitura de Os Sertões**

“O genial Euclides da Cunha foi parcial em relação a Antônio Conselheiro. Aliás, sejamos mais exatos: Euclides nunca traçou detalhada e coerentemente os perfis das pessoas que viviam em Canudos. As via como objetos integrantes da massa, amorfos, sem rostos. Não as via como sujeitos ou indivíduos com almas, nervos, carnes e ossos. Antônio Conselheiro foi qualificado por ele como “um gnóstico bronco” (...) “Paranóico indiferente” (...) “um caso notável de degenerescência intelectual...desequilibrado, retrógrado, rebelde...”, afirma Cláudio Aguiar

Por: Gilda Carvalho e Patrícia Fachin

Cem anos após a morte do escritor Euclides da Cunha, **Cláudio Aguiar** acredita que o fascínio pelo retorno à obra do autor carioca seja a natureza do tema, a qual ele descreve como “a tremenda força trágica que salta das páginas ‘bem comportadas’ de nossa história”. Na entrevista a seguir, concedida, por e-mail, à **IHU On-Line**, Aguiar comenta o drama dos jagunços de Canudos e a percepção, talvez equivocada, de Euclides da Cunha diante de Antônio Conselheiro. E menciona: “Há um grito, ainda abafado, da gente de Antônio Conselheiro que se projeta no consciente (e também no inconsciente coletivo de vítimas e algozes de todos os tempos, de todos os dias e de todas as noites). Esse grito não está propriamente nas páginas de Euclides, mas no drama daquela gente que, em muitas obras, não encontraram sequer nome”.

**Cláudio Aguiar** é doutor pela Universidade de Salamanca, Espanha, onde defendeu a tese *Organización Social y Jurídica de los Inmigrantes Españoles en Brasil*. Foi professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco, atuando em convênio com a Universidade de Sherbrooke-Irecus, Canadá, entre 1990 e 1994. Também foi repórter de diversos jornais e colaborador literário do *Jornal do Commercio* e do Diário de Pernambuco. Pertence a várias entidades culturais e literárias, como a Academia Pernambucana de Letras, Academia Carioca de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Atualmente ele é o Secretário Executivo do Pen Clube do Brasil. De sua vasta produção bibliográfica, destacam-se: *Medidas & Circunstâncias – Cervantes, Padre Vieira, Unamuno, Euclides e Outros* (São Paulo: Ateliê Editorial, 2008); *Franklin Távora e o seu Tempo* (Biografia) (Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras. Coleção Afrânio Peixoto, vol. 72, 2ª. edição, 2005); *Suplício de Frei Caneca* (Oratório Dramático) (Rio de Janeiro: Editora Caliban, 3ª ed. 2002); *Caldeirão* (Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1ª. ed. 1982). Tem, ainda, livros traduzidos e publicados em espanhol, francês e russo.

**Confira a entrevista** feita em parceria com a PUC-Rio.

### **IHU On-Line - Por que reler Os Sertões?**

**Cláudio Aguiar** - A releitura de qualquer obra deveria, em princípio, justificar-se pelo prazer, pela felicidade do reencontro com algo agradável, porque a leitura, insistiu Jorge Luis Borges, está ligada à alegria. Vai mais além. Diz o poeta argentino que a literatura é uma forma de alegria. Montaigne, por sua vez, afirmou que a leitura não deve exigir esforço. Se exigir, o autor fracassou. Creio que muitos leitores releem *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, devido à dificuldade da primeira leitura. No entanto, curiosamente, é um clássico de nossas letras. Talvez o que fascine esse retorno a Euclides seja a natureza do tema, e não propriamente a forma estilística. A tremenda força trágica que salta das páginas “bem comportadas” de nossa história. Há um grito, ainda abafado, da gente de Antônio Conselheiro que se projeta no consciente (e também no inconsciente coletivo de vítimas e algozes de todos os tempos, de todos os dias e de todas as noites). Esse grito não está propriamente nas páginas de Euclides, mas no drama daquela gente que, em muitas obras, não encontraram sequer nome. Todos, crianças, jovens, adultos, velhos, sadios e mendigos, cegos e surdos, ali, eram apenas jagunços, palavra que leva em si algo pejorativo e um ranço de crueldade.

### **IHU On-Line - Canudos pode ser explicado apenas pelo viés do messianismo?**

**Cláudio Aguiar** - A visão tradicional de Antônio Conselheiro como figura exclusivamente messiânica, a meu ver, é uma deformação. A condição messiânica existiu, mas não foi exclusiva. Esse líder religioso que profetizou, durante certo tempo, como se encarnasse a figura do próprio Messias, e agrupou, ao seu redor, pessoas de diversas condições sociais, ocorreu com Antônio Conselheiro. Na maioria das vezes, assumiu a forma carismática, estabelecendo singular código de comportamento. Aceito como tal, passou a anunciar o fim dos tempos, prometendo a seus seguidores nova ordem de justiça e felicidade. No comportamento de Antônio Conselheiro, podem-se ver apenas as manifestações tipicamente messiânicas dentro de uma concepção tradicional. No entanto, ele não foi apenas um beato, um conselheiro, um messias. O seu papel junto aos canudenses teve um alcance bem maior. Foi um líder. Condutor de massa. General. Comandante.

Guerreiro. Estrategista. Aliás, ressalte-se que há, modernamente, uma nova visão de beatitude e santidade movendo esses líderes a ações práticas. A força messiânica neles não se operou apenas em função da suposta mediação providencial, como se houvesse interferência divina atuando numa determinada coletividade ou comunidade. Uma espécie de facho de luz incidindo sobre o lugar ou a cabeça de Antônio Conselheiro. A santidade, como entendem modernos estudiosos (Weber, Bastide, Queiroz, Brown, Patlagean etc.), – para não entrar nos meandros filosóficos e religiosos que justificam a chamada “teologia da libertação” –, passou a ser também alimentada por forças humanas. O beato ou santo age em benefício de indivíduos e de comunidades numa perspectiva de entrega absoluta. Ações de vontade, determinação, ousadia. Ações que não se operam exclusivamente em virtude da intervenção do reino divino, mas a partir das próprias condições e qualidade pessoais do homem capaz de revelar-se possuidor de um dom de sentir a dor alheia, de sofrer o sofrimento alheio, de padecer a agonia do irmão, do semelhante. Por isso, age, luta e promete um mundo novo de justiça, de liberdade, mas aqui mesmo na Terra. Dom Hélder Câmara agiu assim nas diversas comunidades eclesiais por onde atuou. Por isso, também foi julgado pelos poderosos do dia, como Antônio Conselheiro o foi em seu tempo. Não estou comparando o bispo com o beato. Falo de ações assemelhadas em tempos e lugares diferentes. Derivam de espírito de liderança. De vocação inequívoca. Este é o mistério que carrega em si o santo, o beato, o conselheiro. Ele é, em verdade, o mediador. Age na comunidade movido por esse sentimento, mas sempre no interesse dos outros.

### **IHU On-Line - Questão da terra: Quais os limites entre o sagrado e o social?**

**Cláudio Aguiar** - Ao lado dessas promessas messiânicas aliadas ao imponderável, não se pode deixar de observar a presença de situações e circunstâncias sociais, econômicas e políticas. Esses elementos, quase sempre palpáveis e vinculados à sobrevivência material do homem enquanto ser concreto de carne e osso surgiram também em Canudos de maneira ostensiva. Acrescentamos mais: não só em Canudos. Em todas as experiências com características de liderança messiânica – Contestado, Caldeirão, Ligas Camponesas etc. –, podemos identificar, em seus líderes, a presença desses pontos desencadeadores de tentativas de conciliação e solução para os conflitos sociais, econômicos e políticos gerados pelas condições de indigência a que se acham submetidas aqueles agrupamentos humanos. A nosso ver, o ponto de conflito que concorreu para o desencadeamento dos acontecimentos sangrentos de Canudos foi a falta de solução, de diálogo, para a questão da posse da terra. Não é preciso ir muito longe para identificar aqueles elementos catalisadores nos anseios mais íntimos daquela gente. Bastará recorrer a um dístico da gesta dos cantadores da época: “As águas do rio em leite / e as barreiras em pão”. Nesses versos populares e anônimos, notamos o peso do drama da gente de Canudos em obter o indispensável à sobrevivência material, porque a espiritual já estava sendo velada diuturnamente pelas orações e os votos do Conselheiro. Os limites, portanto, eram palpáveis, embora a forma de vida dos canudenses corresse aparentemente sem alardes. O trabalho e a oração, quase numa imitação da secular divisa dos beneditinos.

### **IHU On-Line - Questão política: Canudos e a República. Quais os interesses em jogo?**

**Cláudio Aguiar** – Simplesmente, os grandes proprietários da região temiam abrir mão de seus poderes de chefes locais em detrimento da centralização do Rio de Janeiro. Isto prova que o poder político não estava concentrado, ainda, no Rio de Janeiro, mas nas mãos de inúmeros proprietários rurais e seus aliados de todos os rincões brasileiros. Nesse contexto, inserem-se os acontecimentos de Canudos. Canudos nasceu, desenvolveu-se e foi dizimado dentro desse período traumático da vida política brasileira. Vale não esquecer que Canudos só foi notado como algo perigoso, algo capaz de ameaçar os poderes locais dos senhores proprietários rurais quando Antônio Conselheiro e sua gente decidiram ocupar a ampla faixa de terra inserida na região de um senhor todo-poderoso. Antes, por mais de 30 anos, a mesma gente, em menor número, é verdade, sob a liderança do Conselheiro, andou por vários caminhos e veredas do Nordeste (Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia), ora rezando em procissões sem fim, ora fazendo trabalhos de natureza meramente caritativa (consertando igrejas, capelas, cemitérios) nos vilarejos e arruados, mas sem se fixar em parte alguma, sem plantar ou ocupar terras de ninguém. Então, eram meros penitentes,

quase nômades, homens “fanatizados” pelo carisma de outro tipo, que a boa imprensa da época classificava de taumaturgo, conselheiro. Era até folclórico. Ah, os penitentes do Conselheiro! Diziam. Quando as terras de Canudos foram ocupadas pela gente de Antônio Conselheiro, em larga escala, com ânimo de ali permanecer de forma definitiva, então, passaram a ser fanáticos, perigosos criminosos, facínoras, ex-escravos ressentidos com seus antigos senhores, monarquistas, monstros, devassos e pilhadores de propriedades e sítios vizinhos. Aliás, diga-se de passagem, ser monarquista, naquele tempo, como acontece hoje, não era crime, mas uma dádiva da democracia. O grande interesse em jogo era a propriedade privada como algo intocável. Quebrada essa regra, todos os males do mundo caíram sobre seus ombros, inclusive a destruição sob a forma de genocídio.

### **IHU On-Line - Como Euclides da Cunha viu Antônio Conselheiro e os canudenses?**

**Cláudio Aguiar** - O genial Euclides da Cunha foi parcial em relação a Antônio Conselheiro. Aliás, sejamos mais exatos: Euclides nunca traçou detalhada e coerentemente os perfis das pessoas que viviam em Canudos. As via como objetos integrantes da massa, amorfos, sem rostos. Não as via como sujeitos ou indivíduos com almas, nervos, carnes e ossos. Antônio Conselheiro foi qualificado por ele como “um gnóstico bronco” (...) “Paranóico indiferente” (...) “um caso notável de degenerescência intelectual...desequilibrado, retrógrado, rebelde...” Como se vê, não aponta nenhuma qualidade positiva. E o Conselheiro, não sejamos ingênuos, as possuía. Já em relação ao Coronel Moreira César, um dos principais chefes das forças militares em Canudos, dono de um caráter reconhecidamente truculento, antidemocrata, adepto do golpismo florianista, recebeu de Euclides um perfil bastante condescendente, pois conseguiu ver, entre seus defeitos, muitas qualidades. Escreveu: “Naquela individualidade singular entrechocavam-se, antinômicas, tendências monstruosas e qualidades superiores, umas e outras no máximo grau de intensidade. Era tenaz, paciente, dedicado, leal, impávido, cruel, vingativo, ambicioso. Uma proteiforme constrangida em organização fragílima”. A comparação dos perfis feitos por Euclides dos demais chefes militares subalternos com os jagunços revela, também, uma gritante disparidade de justiça histórica. A impressão que se tem é que, de um lado, estava o Bem e, do outro, o Mal, isto é, as forças governamentais como o Bem, e o Conselheiro e seus seguidores como o Mal. Não esquecemos que Euclides comparou Canudos à Vendeia, a famosa revolta francesa, afirmando que o chouan, ou seja, o insurreto francês, foi herói valoroso, mas os habitantes de Canudos, coitados, apenas jagunços, fanáticos, místicos etc. Já Canudos não passava de uma charneca...

### **IHU On-Line - Quem foi Antônio Conselheiro?**

**Cláudio Aguiar** - Se Euclides tivesse pesquisado melhor a vida de Antônio Conselheiro, facilmente teria descoberto documentos e obras, inclusive já publicados antes de Os Sertões, que traziam os verdadeiros traços biográficos do Conselheiro. Com certeza, ele teria corrigido os equívocos da obra, não só em relação aos acontecimentos, mas, sobretudo, ao perfil do Conselheiro. Euclides o pintou de maneira deformada, senão, até insultuosa. Antônio Conselheiro, o cearense Antônio Vicente Mendes Maciel (nascido na antiga Vila do Campo Maior, depois chamada de Quixeramobim, Ceará, a 13 de março de 1830 e morto em Canudos, a 22 de setembro de 1897), antes de abraçar a vida mística e de reformador social, havia estudado em escola regular e, mais tarde, atuado como escrivão e, depois, como advogado solicitador no Ceará. Por saber latim, traduziu trechos da Bíblia, as Prédicas dedicadas aos Canudenses, além de um Discurso sobre a República. Escrevia corretamente e lia livros clássicos, a exemplo de Utopia, de Thomas More, como lembrou o historiador Edmundo Moniz. Aliás, Euclides da Cunha teve em mãos os originais das Prédicas, de Antônio Conselheiro. Esses originais, depois de pertencerem a alguns colecionadores, um dia, chegaram às mãos de Afrânio Peixoto que, generosamente, resolveu presentear-las ao autor de Os Sertões. Aconteceu que, Euclides, por se achar, nos últimos meses de vida, acossado por dois grandes problemas – o concurso à cátedra do Ginásio Pedro II, a consequente nomeação e o terrível drama familiar, que culminou com sua morte – não teve tempo de ver e ler os originais de Antônio Conselheiro que recebera do amigo baiano. É possível que, se os tivesse lido, mudaria, no mínimo, sua visão sobre o líder de Canudos. Mesmo assim, após o aparecimento de obras que punham em dúvida o perfil euclidiano de Antônio Conselheiro, outros

autores insistiram em repetir a mesma ideia de que o líder canudense não passava de um louco. Ora, logo após a destruição do arraial de Canudos (outubro de 1897), as autoridades encontraram o corpo de Antônio Conselheiro, que morrera três dias antes. Mesmo morto, Conselheiro foi degolado, e sua cabeça levada para exame em Salvador. A ciência queria saber se o líder era, realmente, um caso de “... paranóico indiferente...” (...) um caso notável de degenerescência intelectual... desequilibrado, retrógrado, rebelde...”, como escrevera Euclides. O cientista Nina Rodrigues fez a devida autópsia e diagnosticou que a cabeça de Antônio Conselheiro era de um homem normal. Euclides, ao se referir às degolas, atos de suprema selvageria, escreveu: “... Tudo porque a História não iria até ali”. No entanto, mais cedo do que ele pensou, o cientista, em seu silencioso laudo técnico, gritou alto a verdade que muitos desejavam encobrir: Antônio Conselheiro era, antes de tudo, um homem normal.